

A young man with dark hair is peering through a window frame. The window frame is made of weathered, light-colored wood with peeling paint. The background behind him is dark, and the lighting is dramatic, highlighting his face and the texture of the wood.

VICTOR BONINI

COLEGA *de* QUARTO

*E se o seu maior pesadelo
ganhasse vida?*

*Um suspense psicológico delicioso, bem
arquitetado, que merece ser conferido.*

RAPHAEL MONTES
Autor *best-seller* de *Dias Perfeitos*

 **FARO
EDITORIAL**

VICTOR BONINI

COLEGA
DE
QUARTO

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2015

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa **OSMANE GARCIA FILHO**

Projeto gráfico e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa © **LENA OKUNOVA | TREVILLION IMAGES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bonini, Victor

Colega de quarto / Victor Bonini. — 1. ed. — São Paulo :
Faro Editorial, 2015.

ISBN 978-85-62409-50-9

1. Ficção brasileira 2. Ficção de suspense I. Título.

15-04986

CDD-869.93

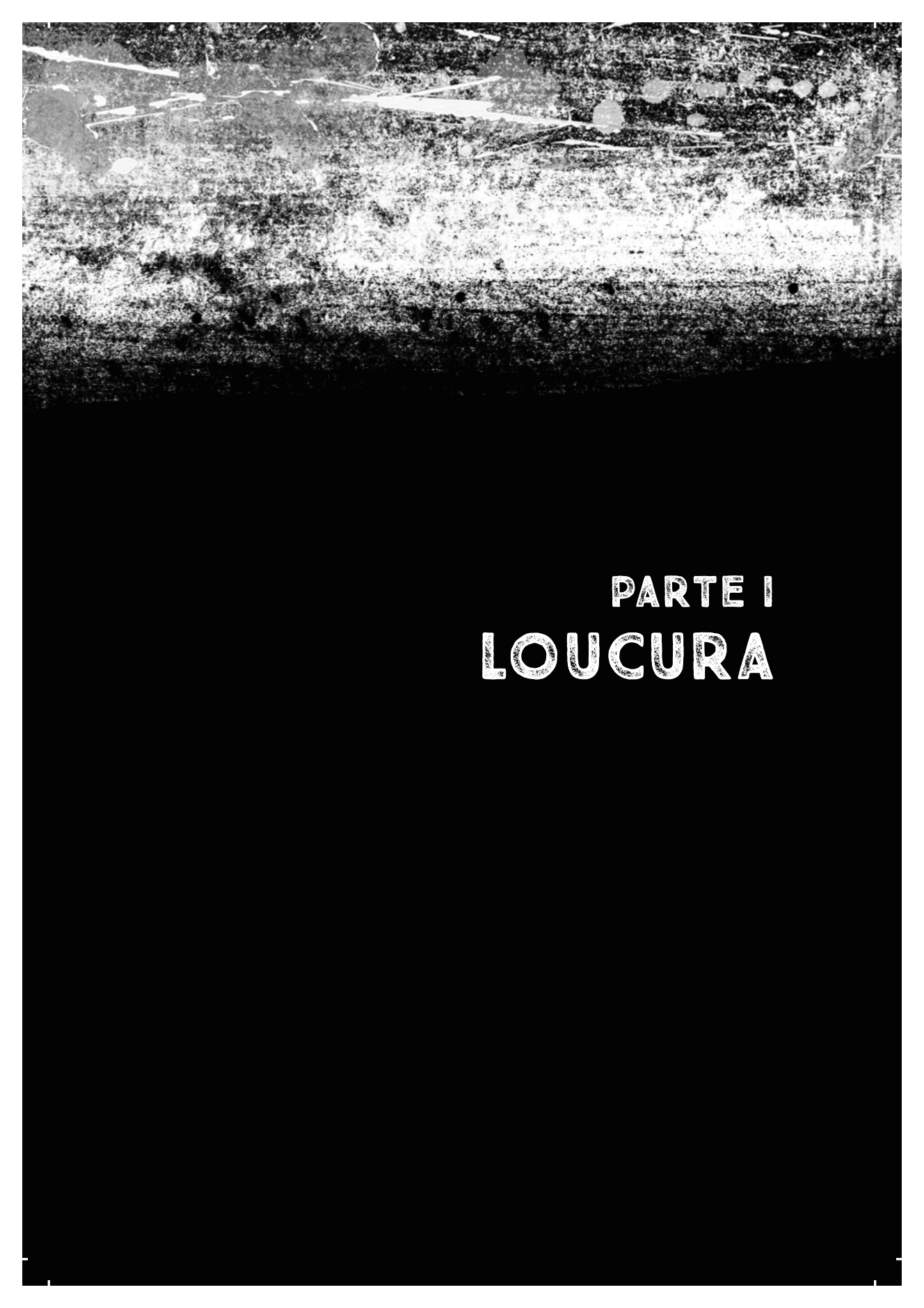
Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura brasileira 869.93



3ª reimpressão brasileira: 2019
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885. Sala 310.
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-073 – Tel.: +55 11 4208-0868
www.faroeditorial.com.br



PARTE I
LOUCURA



1. ELE ESTÁ AQUI

À meia-noite da quinta-feira, Eric chegava de volta a seu apartamento, desacompanhado. Sem bafo de álcool, sem amigos, sem namorada. Eric se despedira de seu amigo após as onze e meia. Cada um, então, seguiu em direção à própria casa, ambos dispostos a descansar, porque a noite seguinte seria pesada — e só terminaria na manhã de sábado.

Eric destrancou a fechadura da porta principal e girou a maçaneta. Sua primeira visão do apartamento foi imediatamente atraída para a televisão — ligada, o clarão da tela banhando os móveis, como lâmpadas estroboscópicas, desorientadas, cada hora iluminando um canto da sala.

Por um segundo, Eric não se moveu. Respirou fundo, hesitante. Caminhou silenciosamente até o sofá, agarrou o controle remoto nas mãos trêmulas e desligou. A propaganda de cerveja cessou na hora e o silêncio esperado finalmente chegou. E, agora, era quase tangível.

Eric ficou na mesma posição por alguns instantes, vacilante. Tinha certeza de que deixara a televisão desligada. Nem sequer a ligara durante o dia. Então, manteve o silêncio, atento a qualquer barulho. Qualquer um.

Sem perceber nada mais anormal, Eric relaxou. Correu a mão pela parede e ligou os interruptores, iluminando completamente a sala de

estar luxuosamente mobiliada. Voltou a ligar a tv — que passou a servir de companhia — e seguiu para a cozinha, agora despreocupado em andar sem fazer ruído.

Apesar de já passar da meia-noite, o cansaço ainda não chegara e Eric sentia-se com ânimo de se ocupar antes de ir dormir. A verdade era que, ultimamente, preferia ir se deitar apenas quando já estivesse com bastante sono. Assim, dormia sem um instante sequer de demora; sem que precisasse escutar a voz da escuridão chamar baixinho o seu nome.

Decidiu pegar algo para comer. Abriu o armário de pães, apanhou um bolo com recheio de chocolate, rasgou a embalagem e largou-a, desleixadamente, em cima da pia. Não se preocupou em fechar a porta do armário, jogar o lixo fora; sua mente estava em outro lugar naquele momento. Seu rosto se contorcia, ora com semblante de medo, ora de preocupação.

Ao entrar no banheiro, de súbito, conteve os passos. Surpreendeu-se com o armário espelhado acima da pia entreaberto, exibindo o pente e o fio dental pela fresta da portinhola. Eric fechou-a com todo o cuidado — claro que a fechara antes de ir ao encontro com os amigos — e voltou sua atenção ao seu objetivo inicial: a escova de dentes. Mas não pôde evitar que os olhos se fixassem, assustados, no espelho por alguns segundos. Encarou com receio a própria figura, sem adivinhar o que poderia acontecer.

Contendo o espanto, Eric saiu dali. Foi quando descobriu a cama do quarto de visitas desfeita e se deparou com um par de chinelos que não era seu sob o sofá. “Ignore-o”, decidiu.

Foi então que reparou na embalagem do bolo sobre a pia. Invaso por um surto de organização, passou a recolher esse e outros pacotes velhos largados pelo apartamento e enfiou tudo na lata de lixo, que já quase transbordava.

Eric agarrou o saco preto e saiu do apartamento pela porta da frente, que deixou entreaberta às suas costas, virou à esquerda e caminhou em direção ao latão para o lixo dos moradores, ao final do corredor dos apartamentos. Este, silencioso como se preenchido por vácuo, era comprido o bastante para conter portas de mais de dez apartamentos.

Por fim, Eric chegou à lixeira. Largou o saco e girou nos calcanhares — para, de novo, estacar ali.

Seus olhos se arregalaram com a visão. Apesar do escuro, mesmo com a distância, mesmo que não pudesse discernir contornos claros do

que chegava à sua vista, Eric enxergou. Viu a silhueta de um homem entrar no seu apartamento pela porta entreaberta. O medo invadiu seu corpo na forma de uma sensação gelada que lhe percorreu a nuca causando-lhe calafrios.

Não era sua imaginação. Vira mesmo um homem entrar em seu apartamento. Julgara que sua suposta neurose se limitasse às pistas a serem achadas no imóvel. Nunca sonhara que a coisa chegaria a esse ponto de exposição. Não supunha que chegaria a vê-lo pessoalmente — o seu colega de quarto invisível.

Eric, ainda imóvel, tentava raciocinar. Sentiu a chave do carro em seu bolso. Deu meia-volta e chamou o elevador de serviço.

2. LYRA

Sentado à escrivaninha, ante uma pilha de folhas de sulfite, Conrado Bardelli ocupava-se com algo que odiava. Mas, acima da atividade que exercia, odiava a si mesmo, porque poderia muito bem ter recusado o tédio que enfrentava — não fosse sua boca irritantemente educada.

— Divórcios... — ele repetia, revoltado, revisando uma série de papéis que detalhavam a vida particular de um casal, que, por sinal, Conrado chegara a conhecer muito bem.

Jantares aos sábados, visitas nos aniversários, madrugadas de dança. Douglas e Fabiane costumavam chamar o advogado, amigo da família, para todo tipo de confraternização social. Conrado, como bom companheiro dos dois, não faltava quando intimado a mais uma das celebrações do casal — cônjuges que pareciam dedicar um ao outro um amor utópico.

Mas, agora, passadas tantas comemorações, o casamento estava acabado. E, como as festas, a separação deixava uma ressaca poderosa como rastro. Todo esse peso caía imediatamente sobre os ombros de Conrado Bardelli, que suspirava à medida que se dava conta da carga que tão estupidamente aceitara.

“Tem como você tratar do *meu* divórcio, Lyra?”, Douglas rogara, enfático, dando a entender que, após a separação, Conrado deveria ser amigo do ex-marido e odiar a ex-mulher. “Você foi sempre tão próximo da gente. Não sei de ninguém melhor pra mexer com essa papelada... E, você sabe, é *tão difícil* pra mim. E pra Fabiane...” Ele insistira tanto no pedido que Conrado acabara cedendo, com aquele tolo sorriso que claramente nunca precedia decisões prudentes.

— Como odeio divórcios...

Àquela hora da noite, Conrado podia apostar que Douglas já estava na cama com alguma outra loira, enquanto cabia ao amigo advogado — “o grande Lyra!” — solucionar, ainda, o desfecho do relacionamento anterior com Fabiane.

Foi um susto quando o interfone da sala de visitas tocou. Conrado emperrou na posição, ergueu o olhar para a porta. O movimento era uma resposta automática ao toque de qualquer campainha — uma paralisia que só cessava quando Conrado se certificava de que Dirce atendera ao telefone. Porém, às duas da madrugada, fazia tempo que a secretária partira. O advogado estava sozinho.

O chamado do interfone se repetiu, intenso, agudo, muito mais alto do que quando soava durante o dia. Na madrugada, parecia ganhar mais voz. E foi a ela que Conrado obedeceu, quando se tocou de que não haveria Dirce para calar os toques repetitivos.

O barbudo de meia-idade se ergueu, pensativo, e passou pela porta do escritório, antes semiaberta. Encontrou a sala de visitas deserta, entregue à escuridão e à madrugada, agora, incomodada apenas pela incessante campainha que vinha do aparelho sobre a mesa de Dirce.

Curioso, Conrado atendeu:

— Pois não?

— Doutor Conrado? — o timbre do porteiro noturno cantou. — Não tinha certeza se o senhor ainda estava aí...

— Ainda estou, sim. Mas quer que eu vá pra casa? Vocês, por acaso, vão fechar o prédio?

Apesar de seu escritório funcionar naquele edifício há anos, Conrado ainda não conhecia as normas que regiam o condomínio durante a noite. O motivo não poderia ser mais óbvio: pouquíssimas vezes ele passara as madrugadas ainda à escrivania.

— Não, eu fico aqui até de manhã, senhor.

— Sei, sei. Então, o que foi? — Ele acariciou a volumosa barba, já meio grisalha.

— É um menino, doutor Conrado. Um rapaz. Ele quer falar com o senhor.

— Ele está aí?

— Já está subindo pro escritório do senhor... — o guarda afirmou, a voz meio fraca, como se consciente da imprudência de seu dono.

— Como assim, já está subindo?

O guarda noturno — de cujo nome Conrado não se lembrava — desmanchou-se em uma sequência de perdões. E como Conrado não era de se irritar facilmente, disse:

— Tudo bem, já foi.

— Mas o senhor pode ficar tranquilo, o rapaz não tem cara de gente suja. O rapaz é firmeza.

Conrado Bardelli só veio a entender o significado exato de “firmeza” quando girou a maçaneta e puxou a porta principal. Ele se deparou com um jovem ruivo de cerca de vinte anos, trajando calça jeans de grife e uma camiseta impecavelmente branca que trazia no peito o nome de uma sofisticada marca de roupas. O tecido da camiseta, colado na pele do rapaz, ressaltava os músculos do peito e dos braços — os quais, ironicamente, não eram protuberantes. No pulso esquerdo, via-se um relógio de tela brilhante e pulseira de couro com o qual se compraria um carro popular. O jovem, como um todo, parecia o garoto propaganda de uma série de marcas internacionais.

Ficava claro que, para o guarda noturno, “firmeza” era sinônimo de *playboy*.

3. O VISITANTE INESPERADO

— Você é o Conrado Bardelli?

O advogado conferiu o jovem de cima a baixo. Nunca recebera uma visita vestida daquele jeito antes.



Esta obra foi impressa pela
Gráfica Kunst em Janeiro de 2019